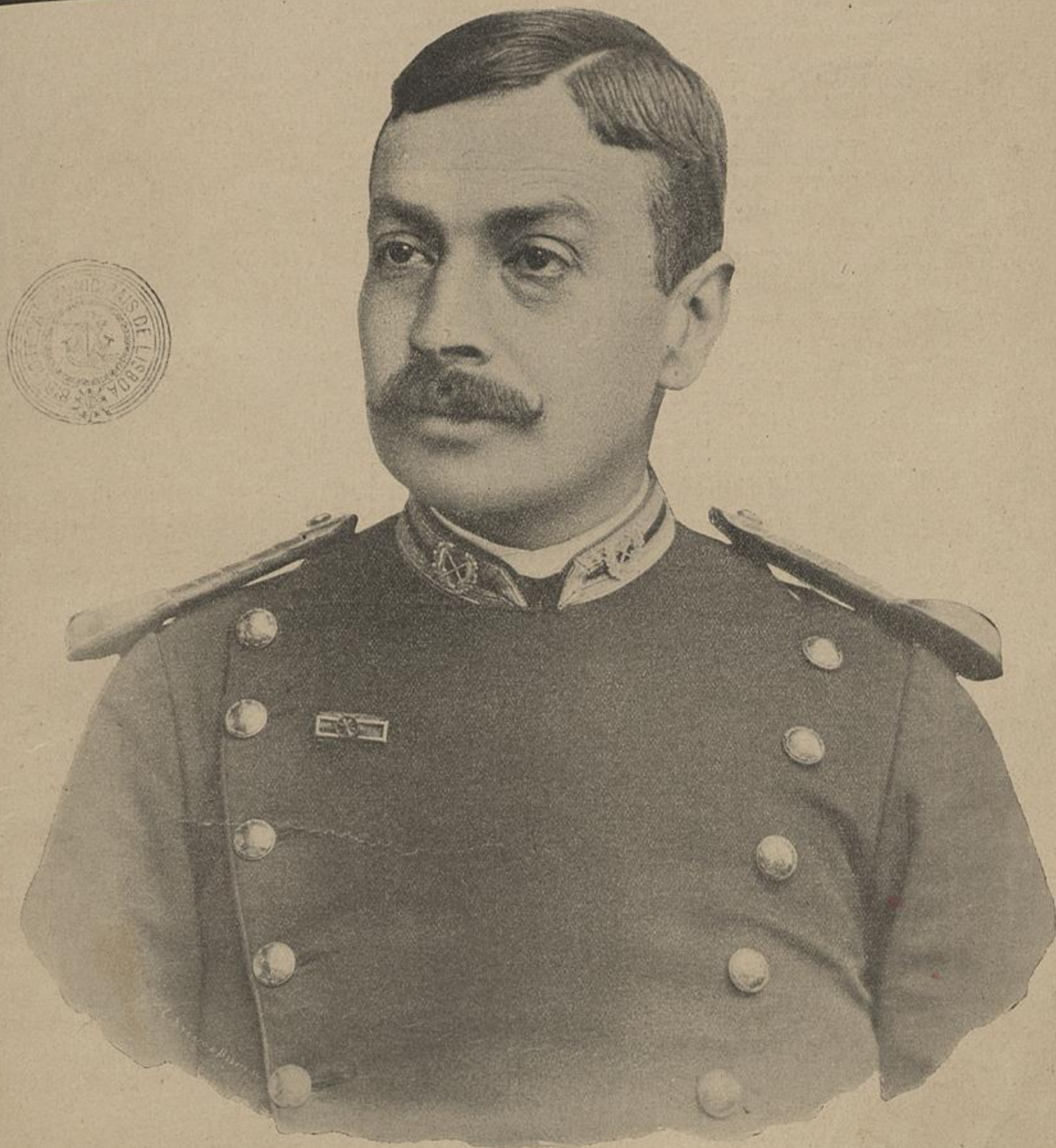
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXV Volume | 30 de Janeiro de 1902 | N.º 831



MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

## CHRONICA OCCIDENTAL

Voltaram d'Africa os medicos portuguezes que ali foram com o fim de estudar a doença do somno.

Depois de haverem feito a descoberta do microbio especial, causador da enfermidade, não contentes com o resultado obtido, trouxeram até Lisboa uns vinte e tantos doentes para n'elles aqui continuarem suas observações, isolados os desgraçados pretos n'um aposento especial do Instituto bacteriologico.

Dormem, dormem!... Que inveja não farão a tantos que são perseguidos pela insomnia!

E' tambem o que póde chamar-se, como está acontecendo aos nossos vinhos, a crise da abundancia.

A maior parte dos enfermos foram ajudados a desembarcar pelos enfermeiros, que tiveram de sustel-os nos braços.

Dormir!... Sonhar talvez! como diz o Hamlet em seu famoso monologo.

Bemdito microbio! dizem os que ralados pela vida, de nervos excitados, com remorsos, credores ou paixões que lhes sobresaltam o coração, passam horas e horas, ás voltas na cama, n'um entre-pesadêlo, até que vêem, desesperados, luzir o novo dia nas frinchas da janella. Mais uma noite de martyrios!

Dormir! Esquecer as coisas tristes da vida, esquecer até que ha vida n'este mundo.

Dormir!... Sonhar!... Esquecer!

Ha de haver muitos que tenham inveja aos desgraçados pretos, que de bom grado com elles trocariam, se estes pudessem ter vontade, pensar, dizer que sim.

Esquecer a vida mezes e mezes, viver mezes só em sonho!

Um suicidio por horas, dias ou mezes!

Poder um homem á vontade, quando viessem ensombrar-lhe a alma pensamentos negros, fugir para outras regiões por onde andasse divagando, até que o mundo desse suas voltas e elle accordasse nas regiões do espaço em que floresce a primavera!

Mas quem foge tem de fugir para sempre, para paizes misteriosos d'onde nunca ninguem voltou, e vestindo os seus de vestes luctuosas.

E, quando a gente pensa em alguns que deram o desgraçado passo e com elle nos encheram de maguas o coração, olhamos para a vida por um prisma negro, e até por vezes desconfiamos de que a primavera de todo fugiu d'este mundo, tantas sombras d'elle proprio nascem e n'elle se criam como em terreno maldito.

Mas o mundo vai dando suas voltas rythmadas e seguem-se as estações com mathmatica fatalidade; depois da tragedia, a comedia volta; o pendulo bate os segundos, impassivel, e ao cabo d'um certo numero de pancadas, a acção volta ao que tem de ser, ao ramerrão.

Estamos em fins de janeiro, em que havemos nós de falar senão de politica? Em que falam lisboetas á mesa dos hoteis, á porta da Havaneza, um mez depois da solemne abertura?

E não teem sido de pouca importancia as discussões e os temporaes. Muito falado o discurso do sr. José Luciano de Castro. A opposição tudo tem atacado e com vigor. O sr. Hintze responde sorridente. O sr. Baracho até falou na orthographia do *Diario do Governo*, e respondeu-lhe o sr. Hintze com procuração do sr. Candido de Figueiredo, Caturra Junior.

Entretanto, ha quem se commova com os signaes que nos envia o céo, que, de quando em quando, usa de formas misteriosas para nos recommendar juizo. Agora teem sido as plantas, que, em muitas regiões de Portugal, apparecem do lado norte cobertas por um pó amarello.

D'antes todos estes phenomenos eram certos avisos do céo.

Quando em 1578 appareceu o cometa, todos os sabios do tempo aconselharam D. Sebastião a que não tentasse a guerra contra os moiros. Elle pessimo calemburista, disse: «O cometa diz accommetta.» Caro pagou o trocadilho.

A luz vermelha, a estrella que corria, sombras que deslisavam pelo céo tapando as estrellas, tudo era commentado e da sciencia d'esses phenomenos faziam cavallo de batalha muitos com boa entrada nos paços.

Os tempos mudaram. O pó amarello tem pelos sabios d'hoje explicação natural. Foi o vento que levou argilla para as nuvens, é o pollen das flores dos pinheiraes, é uma erupção vulcanica, é... muita coisa. Mas a maior das verdades é que, por ora, ninguem nos disse ao certo o que é.

Quem nos dera no tempo dos astrologos, quem nos dera ouvir sobre o phenomeno o sabio Fr. Bernardino de Santa Rosa, que, por certo, lá deve trazer qualquer coisa no seu hilariante compendio de toda a sciencia.

O céo tem estado que era para elles uma belleza.

Não ha dois dias, estive eu na Avenida vendo as trez Marias no seu esplendido quadrilatero marcado por trez brilhantes brancos e um amarello; segui com a vista o alinhamento que ellas me marcavam e vi para a direita o pallido setestrello, para a esquerda Sirius brilhantissimo, a mais linda estrella de todo o céo.

N'esse instante, sahia Palmira Bastos do theatro da Avenida e seguia para casa. Parámos um momento a conversar e eu mostrei-lhe a sua mana do céo.

E' que Palmira sahiu-se deveras uma estrella, que o diga Lopes de Mendonça, que o diga Augusto Machado, depois do exito obtido pelo *Tição Negro* no theatro da Avenida. Como ella, que tão pequenina vi estrear-se, acordando esperanças, como ella representa agora, como canta, como nos encanta.

Tanto nos absorveu attenções, que mal pudémos distrahir-nos d'ella, para darmos um sorriso á elegantissima *Arte Nova*, bem posta alcunha á dançarina, que tão artisticamente se move a compasso das valsas do Machado! Uma belleza moderna, com todos os seus encantos, que até parece foi arrancada a uma jarra do Baeta Dias!

O *Tição Negro* foi o grande exito d'estas ultimas noites; mas todos os theatros teem ultimamente dado que falar aos chronistas. A's vezes, nem elles sabem a qual devem de ir, tal é o interesse que despertam os espectaculos.

Foi assim que, n'uma mesma noite, no theatro D. Amelia reappareceu o Brazão, no Castello Historico, no theatro da Rua dos Condes foi a festa dos auctores da Revista, no theatro da Avenida realisou-se a recita offerecida por Sousa Bastos á imprensa.

As revistas da Trindade e Rua dos Condes continuam a chamar concorrencia, apezar das grandes difficuldades que hoje apresenta a factura de uma peça d'esse genero. A policia mandou afiar a enormissima tesoira e trabalha de collaboração com os auctores, de maneira assustadora. Decapita os dialogos, amputa as graças, estropia as coplas. Não ha nada preto nem branco, fica tudo mestiço de penna e tesoira. Acabaram caracterisações, acabaram referencias. Era preciso acabar com mais alguma coisa ainda: foram-se ao papel almaço da peça e fizeram d'elle papelinhos de entrudo... o que é permittido bem como o pó de gomma.

Até S. Carlos deu agora que falar, sem que se dissesse o mal que é costume dizer-se do sr. Pacini. Em compensação discutiu-se muito o merecimento dos *Mestres Cantores* e de Wgner, homem cujo genio se pode medir pelos muitos adoradores e inimigos que creou. Nunca viu a seu lado um indifferente.

Pois todas estas peças foram assumpto para muita conversação, até depois, facto notavel na historia do theatro, da deslumbrante recita do *Suave Milagre*, offerecida pela empreza ao Conde de Arnoso. Raras vezes se viu no theatro tamanho enthusiasmo. Merece-o o Conde d'Arnoso pelos dotes do seu talento e pela extraordinaria bondade de seu coração, que tantos amigos lhe criou.

Agora é o *Tição Negro* que chama as attenções de todos, é o theatro da Avenida que todas as noites tem enchentes. Peça, musica, scenario, desempenho, bem o merecem.

Anda outra vez na bocca de todos, depois de tantos seculos, o nome de Gil Vicente. Bom reclamo se lhe está fazendo para o centenario.

E' provavel que todas as emprezas theatraes, que em junho se achem funccionando, queiram prestar brilho a essa festa. Algumas, que por esse tempo já não devem achar-se em Lisboa, tencionam, segundo se diz, levar a candeia adeante. Quando em Paris se fala de representar um auto do velho auctor genial, o maior do seu tempo e um dos maiores das eras modernas, não é muito que Portugal lhe preste a homenagem que ha tanto lhe deve.

*João da Camara*

## MOUSINHO D'ALBUQUERQUE [1]

Sr. Presidente: — Associo-me tambem ao voto de sentimento, que V. Ex.ª, nosso digno e venerando presidente, propoz á Camara; e isto com o mais fundo pesar, attento a que é a morte de um grande portuguez, o maior dos ultimos tempos, e d'este seculo, que já conta um anno, — que é a sua morte, digo, a que suscita esta manifestação sentida, a que vae, certamente, associar se toda a camara.

Sendo esta expressão de sentimento pelo motivo conhecido, — a morte de Joaquim Mousinho de Albuquerque, — eu sinto tambem, sr. presidente, estar aqui neste momento, e não neste logar ou na outra camara, quando, chegada a nova das victorias da Africa, todo o paiz se ergueu em alvoroçado jubilo, indo entretecer de palmas festivas o seu nome, circumdando sua nobre cabeça de soldado, de louros immarcessiveis.

Antes o quizera, sr. presidente; então, sim; do que nesta hora, em que só posso, recordando sua memoria, traduzir o luto de todos nós e o da nação inteira.

Então, falando de Mousinho de Albuquerque, quer discutindo-o, quer exaltando-o, seria a minha palavra — palavra de vida; hoje, só traduz a nossa saudade, a respeitosa homenagem que elle merece; mas de pouco lhe servirá, nem de incitamento nem de consolo, que está morto e não a poderá ouvir.

Embora; elle pertence á historia portugueza, e ahi está bem, porque está no logar que elle marcou com a propria espada. Ha homens, sr. presidente, que ficam redivivos na saudade dos conterraneos; este, Mousinho, ficará, não só na lembrança de seus conterraneos, mas no coração da nossa gente, isto é no coração do povo. Assim, se elle pertence á historia, tambem ficará na legenda. Ainda não são revolutos quatro dias, depois do seu passamento, e já ella principiou a formar-se; — deu começo no cemiterio onde ficou sepulto o heroe de Chaimite.

Ao dizer-lhe o ultimo adeus, lá vi todas as corporações do Estado, seus amigos intimos, seus camaradas das campanhas da Africa, os seus collegas do nosso valente exercito, muitas associações, os representantes da imprensa, assim como a maioria da cidade, que lá mandou enorme multidão de seus habitantes, e de todas as classes — se ha hoje classes, hoje em que todos podem elevar-se pelo trabalho e pelo talento áquellas eminencias, que só concede a opinião publica agradecida.

Porque estava lá, sr. presidente, a enorme multidão, porque tantas manifestações sentidas da provincia, porque este ruidoso alvoroço da cidade, que disputava soffrega os jornaes e discutia por toda a parte a sua morte?

E' que, sr. presidente, Mousinho de Albuquerque foi um fiel interprete do sentimento nacional; e, quando assim não fosse, elle correspondera ao egoismo dos povos, que muito querem a quem lhes alarga o territorio, e faz tremular sua bandeira victoriosa, affirmando o orgulho portuguez.

Elle tinha as qualidades e os defeitos da nação, que sempre quiz á gloria, porque se creou com heroes; e ainda hoje, um dos mais populares é D. Nuno Alvares Pereira, doido sublime que deu, pela reconquista da terra portugueza, o conchego ao lar, e obteve o respeito d'este paiz, rehavendo-lhe pelo temor do seu braço, a independencia.

Joaquim Mousinho de Albuquerque era d'esta familia de heroes, porque bravo entre os bravos, accrescentou para a nação terras na Africa; e antes de lá brandir a espada, já elle propunha, em seus escriptos, o dominio pela força, para que viesse o dominio pelo trabalho e pela civilisação.

Foi um dos videntes da Africa, e hoje já se podem lá arrotear novas terras, produzir riqueza; e elle foi um dos que abriu a porta a tão grande campo de actividade, pela espada, de que hoje se póde construir o ferro do arado. Isto sim; d'isto gosta o povo, que está farto de invectivas e polemicas inuteis, e quer actos de força e quer actos de direito.

Em tudo isto elle pensou, de tudo isto foi o protogonista; e ahi estão os documentos, que ficaram escriptos. Uns escreveu-os com a espada em Coolela, no Manjacase, em Chaimite, na pacificação das terras do Maputo, na guerra dos Namarraes; outros no livro que nos deixou, e em seus artigos da *Revista do Exercito e da Armada* e na *Revista do Exercito Portuguez*. Por isso o povo via n'elle um *homem*, e as nações extranhas ficaram suspensas, sabendo que esse homem e

[1] Discurso do Digno Par do Reino sr. Conde de Valenças pronunciado na sessão commemorativa da morte de Mousinho d'Albuquerque. Copiado das notas tachygraphicas.

quarenta soldados tinham posto a ferros o maior potentado da Africa Austral, defendido por tres mil vátuas!

Feito extranho, glorioso, unico na historia portugueza do ultimo seculo, só egualado pelos feitos d'aquelles ousados maritimos, que enfrentando, os primeiros, antes dos inglezes e hollandezes, a *feia catadura do gigante das Tormentas*, por esses mares desconhecidos, içaram, aos quatro ventos do espaço, a bandeira das quinas, no tope dos mastaréos.

D'estes se recorda a nação; d'estes se fórma a lenda e tambem a grandeza de um povo.

Agora dizei-me, dignos pares do Reino, se aquelle ataúde, que levou ao cemiterio Mousinho de Albuquerque, não ia aureolado por tantos dias de gloria; se d'ella os phantasmas queridos, visiveis, não iam engrandecendo aquelle feretro, que conduzia, vestido da sua farda dos combates, o valente, que pelo seu paiz jogou a morte?

Sim. Eram phantasmas da gloria todas as manifestações que lhe acompanharam o sahimento funebre: — a corôa de S. M. El-Rei, que dizia. — «defendeste a patria, sou teu amigo»; a de S. M. a Rainha, que expressava homenagem sentida; porque elle fôra o mestre de seus filhos; e até a presença do joven herdeiro da corôa, que, acompanhando ao ultimo estadio da vida a seu aio illustre, estava como que affirmando: — «nós te amámos e choramos»; era outro phantasma da gloria, a dôr entristecida da enorme multidão, que o seguiu á morada ultima, e que egualmente estava dizendo: — «vae em paz, tu eras um portuguez».

— «Vae em paz, bom soldado das guerras da Africa, porque tu accrescentaste a nação; não foste um ambicioso vulgar, foste um ambicionador da gloria, que, sacrificando a vida e sem temor á morte, nos fizeste respeitados na Europa. Vae em paz.»

Todos estes phantasmas, que o são, porque o heroe de Chaimite está morto, irão ámanhã avultar na historia, erguendo-lhe ahi estatua em alto pedestal, só comparavel á d'aquelles, que tambem metteram lança na Africa e na India, hasteando o pendão portuguez, honrado e victorioso

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Conde de Valenças.*

## A PRISÃO DO GUNGUNHANA

A pagina mais brilhante da moderna historia militar de Portugal foi duplamente escripta por Mousinho d'Albuquerque; com a espada no seu valoroso feito de Chaimite, com a penna no respectivo relatorio, que bem se póde considerar um modelo no genero.

Ha n'esse documento um alevantado patriotismo, que se sente vibrante nas expressões de uma linguagem, tão bella e nobre como simples e despretenciosa.

A prisão do terrivel potentado vátua, realisada no proprio refugio em que elle se escondera, foi um acto heroico e de esforçada bravura, que assombrou o mundo e coroou de gloria os esforços e sacrificios do punhado de valentes portuguezes que a effectuaram.

Quanto valor teve essa temeraria e arrojada empreza, a que Mousinho d'Albuquerque ligou o seu nome, dil-o o excerpto do admiravel relatorio que em seguida reproduzimos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Como v. ex. vê tinha-se enraizado no meu espirito a idéa que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul 7 de setembro, do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coolella a 7 de novembro e incendio de Manjacaze 11 de novembro, se iria obliterando no animo d'estes povos, e o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr e as probabilidades do exito da empreza. E seja-me licito n'este ponto affirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu dispunha para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o mêdo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado porque incutiu nas praças um enthusiasmo que os fez vencer fadigas e arrostar perigos, com uma alegria e boa vontade deveras surprehendentes, attendendo para mais ao mau estado de saude da maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou em a lancha-canhoneira *Capello*, o primeiro tenente Sanches Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.ª classe, Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infanteria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.ª companhia de caçadores n.º 3 d'Africa.

No dia 26 ás cinco (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 84 da 1.ª companhia, o interprete João Massaolana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languéne, Chai Chai e Sofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam, Martini Henry, Albini e de carregar pela bocca, e 76 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 p. c. N'esse mesmo dia pelas 4 horas (p. m.) chegámos a Zimacaze, cêrca de tres milhas da foz do Chemgane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes Ma-Buimgella e Manguni, dos que tinham já ido pegar pé a Languéne, se apresentaram com as suas *guerras* pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam tive que aceder, embora com repugnancia, e só depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1:500 a 1:800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.) vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languéne no dia 10), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxéca. Vinham pedir a este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo regulo, que queria ir lá pegar pé e fazer paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario de Languéne para trazer ao vapor a resposta, observando ao mesmo tempo o que pudesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda proximo ao Manguanhama a umas seis horas de Chaimite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto perplexo. Se marchasse n'aquella noite podia o regulo, avisado a tempo, fugir e eu perder assim occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana e receiava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apezar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veiu acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

A's doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei o buscar. Era um homem de Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitára sahida da gente da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Vuyana, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zuiacaze, no caminho de Chaimite.

Dei logo ordem para que ás tres horas (a. m.) se effectuasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Eram quatro horas (a. m.) quando começámos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo uma encosta cheia de lodo, caniço (mangal) e arbustos onde a marcha era difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (duas tinham adoecido a bordo), dispuz a força da fórma seguinte: 6 praças da 1.ª fileira e 6 da 2.ª quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.ª fileira a face da esquerda, e 12 da 2.ª fileira a da direita; a 1.ª e a 2.ª fileiras formavam a face da rectaguarda.

Assim, a marcha com 2 homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a suppressão do intervallo que a exiguidade da força tornava indispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de um minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com dois cunhetes (1:100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar para dentro do quadrado, logo que elle se formasse.

Seguiam-se os outros carregadores e os homens com machados.

Cada carregador levava a tiracolo o capote de uma praça, embalado no encerado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitarem no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio sómente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languéne e Lofogasi. A guerra de Cuio estava tambem na margem esquerda.

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastava para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hespanholada*, junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coollela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da fórma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 metros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 metros para a esquerda as de Languene e Lofogasi. Estas distancias diminuiam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se um pouco a N. do caminho, a povoação do Vuyana. Mandei então seguir a força européa pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou 30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei, dois homens estavam azagaiados no figado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e creanças e saqueando as palhotas. N'isto appareceu um homem, que escapára, não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que o Vuyana não era culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver *milandos* n'aquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e creanças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyana dez bois para o Cuio, como indemnisação e dez vaccas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos, que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atraz falei, achámo-nos n'uma planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornára se muito escorregadio. A herva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alternaram com um sol abrazador, de fórma que, officiaes e praças, marchando todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro, ora iamos encharcados em agua, ora escorrendo em suor. Como não queria perder tempo, continuei marchando sem descanço até ás onze horas (a. m.) Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o Muambaxéca e 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pegar pé e falar de paz com o rei *seu pae*. Respondi lhe que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *saguate* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanaca, conservando o Zaba preso. N'essa occasião appareceu o homem de Languéne, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu já suppunha ter sido morto por este.

Depois de trinta minutos de descanço, prosegui na marcha até á uma hora (p. m.) Tinhamos assim feito oito horas uteis de marcha a passo mais que ordinario; estavamos exhaustos. Os carregadores só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequencia para descançar alguns momentos. Resolvi, portanto, bivacar um pouco a O., por saber que ficava alli a lagôa de Moatacane.

Fui adeante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagôa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coollela) em largura e comprimento, e bastante profundidade. A agua não seria, talvez, das peiores, mas a gente de guerra (já então mais de 2:000, porque Zugouiza, irmão do Muzilla, e outros chefes se nos tinham juntado) entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo o lôdo o que fez com que fôsse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispuz o bivaque em quadrado com duas senti-

O COMBATE DE COOLELLA — *Vid. artigo «Prisão do Gungunhana»*

# O Real Theatro de S. Carlos

GEMMA BELLINCIONI

Pelas seis horas e trinta minutos (a. m.) avistámos Chaimite no meio de um terreno arenoso, cheio de marcela e morros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apezar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda ou por terem medo que o regulo se defendesse, ou influenciados pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comnosco. N'essa occasião duas praças brancas cahiram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fôsse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente de guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação do Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns dez minutos da povoação dei ordem para que as guerras formassem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizeram, ficando a uns 100 metros da pallissada que cercava as palhotas.

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas vinte cinco a trinta palhotas cercadas por uma palissada de 1m,5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa dos vatuas, e deviam ter-se alli passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao approximarmo-nos da povoação encontrámos algumas caveiras humanas já brancas ao mesmo tempo que já sentia um cheiro muito intenso a carne pôdre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não menos de 40 centimetros de largura.

Corri para ahi á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e interprete. Julguei logo que entrei, que o regulo se defenderia, porque vi encostado á pallissada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão, corri logo sobre elles, e, ou fosse porque já tivesse de todo perdido a força moral, ou por verem logo atraz de nós a testa da columna que derrubára as estacas lateraes da entrada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam fugido logo, e as praças brancas, sem ter quem os dirigisse, teriam provavelmente sido trucidadas pelos 250 ou 300 pretos, que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo logo que os pretos fugiram, sahir de uma pa-

nellas em dois angulos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle, separadas umas das outras e com postos avançados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto, que, com não pequeno trabalho, dispoz assim as forças indigenas.

Eram cinco horas (p. m.) quando voltou o Sucanáca acompanhando o Godide, filho do regulo, que trazia sessenta e tres cabeças de gado bovino, 510 libras, duas grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria n'essa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava alli toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cançados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria apenas ganhar tempo, e que o Sucanáca lhe iria affirmar que o cançasso não nos permittiria avançar.

Effectivamente, o aspecto do bivaque parecia confirmar o que eu dissera; o tenente Miranda extenuado, abrazado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sêde; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cançados, que muitos nem quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as tres horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crer o contrario.

Chovera quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idéa de não voltar atraz senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso as tres horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carregadores, enrolar os capotes, e marchámos ás quatro horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto e plano, o chão duro. Apressei a marcha por fórma que varias vezes fomos em acelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pegavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fôra, a fim de fazer sobre a sepultura de seu avô, Manicusse, diversas ceremonias, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

NAPOLEONE VELLANI

FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

hota proxima um homem de coróa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde sahira. Chamei-o muito de alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demorasse, quando vi sahir de lá o regulo vátua que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacase.

Não se póde fazer idea da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos dois soldados presentes e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (coisa que elle nunca fazia) dizendo-me que elle já não era regulo dos *manguni* mas um *matonga* como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da pallissada, além dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que havia no exterior mesmo proximo á pallissada, levantaram grande alarido, batendo com as azagaias nas rodelas em signal de applauso e espanto.

Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo e Maguiguâna. Mostrou-me o Quêto e o Manhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobei o Manhune (que era o alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandei-o então amarrar a uma estaca da pallissada e foi fuzilado por tres brancos. Não é possivel morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse, sorrindo, que era melhor desamarral-o para poder cahir quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão de Muzilla que quizera a guerra contra nós, e o unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pegar pê como tinham feito Inguinsa e Cuio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a quem tinha creado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobedecia e fazia guerra ao rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandonal-o.

Mandei-o amarrar tambem e fuzilar.

Estas duas execuções produziram na guerra preta um enthusiasmo indescriptivel, que manifestaram com ruidosos e repetidos *bayetes*, o que mostra bem que elles confundem perfeitamente a força e a coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrára-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta á guerra.

Disse-lhe que acerca do regulo só o rei podia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por ella ter pedido; e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguem consentiria lhe fizesse mal.

O regulo perdera toda a arrogancia depois da morte do Quêto. Disse que dava tudo que tinha, e entregou 1:000 libras e 8 diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsota para trazer todo o gado que levára mais para longe e mandou egualmente procurar mais marfim a Manjacaze, onde ficára enterrado dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoásse a morte. O portador d'esta ordem foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandei então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cahir e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.

Marchei depois, levando commigo presos o regulo, Pisane e Molungo, irmãos do Muzilla, que estavam tambem com elle, Godide, filho do regulo, sete mulheres (incossikasi) que o regulo escolheu para o acompanharem, e muitos *mofanas* (rapazes) que carregaram o marfim.

A marcha de regresso foi tambem muito rapida, pois sahindo ás dez horas (a. m.) de Chaimite, ás quatro horas chegávamos á povoação de Vuyana, onde acantonei a força branca, e os pretos, bivacando a gente de guerra em volta da povoação.

N'este dia fizeram-se oito horas uteis de marcha muito rapida e sempre debaixo de chuva, mas ninguem sentia a fadiga, tal era o enthusiasmo que nos officiaes e praças tinha produzido o aprizionamento do regulo vátua.

No dia seguinte, porém, a marcha que principiou ás cinco horas (a. m.), embora curta, foi pessima e demorada porque mal podiamos andar; para mais, tendo chovido toda a noite, o caminho estava encharcado e constantemente passavamos ou pequenos riachos ou pantanos com agua, ás vezes, até acima dos joelhos.

Tive que dar dois descanços, n'esses deu se um facto que mostra bem quanto os manguni tinham ficado impressionados com a prisão do regulo e atterrorisados com o que tinham visto. Querendo eu que os soldados se sentassem, mas vendo a herva muito molhada, ordenei á gente de guerra, que estava mais proxima da força branca, que fôssem pôr as rodellas ao pé dos soldados para elles se sentarem. Que lhes custou muito fazel-o viu-se-lhes bem na physionomia, mas não houve um segundo de hesitação no cumprimeto da ordem dada.

Cêrca das nove horas (a. m.) chegámos a Zimacoze. Embarcada a força europêa e os prezos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas, a El-rei, á armada real e ao exercito, enthusiasticamente correspondidos pelas praças de marinha e do exercito que estavam armados e debaixo de fórma no *spard ck*, e em seguida a gente de guerra soltou tres *bayetes*, saudação que eu lhes tinha feito explicar se dirigia n'aquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *Incuáia*, acabando por uma torrente de insultos da mais requintada torpeza áquelle de quem haviam poucos dias antes tremido com medo.

Deixei expandir assim a natural vileza de sentimentos dos pretos, não para atormentar um prisioneiro já moralmente anniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo e por uma vez.

Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Capello* levantou ferro chegando a Languéne ás tres horas e trinta minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encalhe.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## AS NOSSAS GRAVURAS

BELLAS-ARTES — VENUS E O AMOR

É indubitavelmente um bello quadro o que a nossa gravura representa. Venus e o Amor, um assumpto mythologico muito querido dos pintores de figura; e grande numero dos mais celebres artistas lhe dedicaram télas suas, que hoje se conservam como obras primorosas.

O quadro presente não se póde affirmar que pertença a determinada escola, porque ha n'elle um sabor mixto de antigo e de moderno, que nos lembra Raphael e Bouguereau, notaveis pintores que estão affastados por quatro seculos.

Venus e Amor hão de captivar sempre a imaginação dos poetas e dos artistas. De todas as creações da fabula é Venus a mais bella, ainda que pelo que lhe é attribuido a tornem abominavel pelas suas dissoluções, que foram as de muitas mulheres do mesmo nome. Mas não o comprehendeu assim o auctor d'este quadro, que a apresenta de rosto meigo e candido, tão puro como a espuma do mar de que a dizem ser filha O gracioso e travesso Cupido é gentil como sua mãe e tão innocente como as pombas brancas, que lhe consagraram.

O encantador quadro ha de sempre despertar admiração.

## O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 827)

### 1898-1899

O rei D. Carlos I de Portugal deu a Réjane duas mulas, de presente, da raça de Alter, que o monarcha fez expedir para o Havre de Grace.

A companhia lyrica encetou as suas representações em 20 de dezembro de 1899 Eis o elencho d'esta companhia:

*Damas:* Cesira Ferrani, Maria Martelli, Amalia de Roma, Tina Manfredi (comprimaria), Armida Parsi (meio soprano), Rosita Jacoby, Regina Pacini, Lina Cavalieri, Gemma Bellincioni, Luiza Longhi (comprimaria), Adelina Stehle.

*Tenores:* Alessandro Bonci, Luigi Fiesoli (comprimario), Carlo Delmas, Oswaldo de Gennaro (comprimario), Alfonso Garulli, Daddi (comprimario), Ernesto Colli, Fernando de Lucia, Edoardo Garbin, Fiorenzo Constantini.

*Barytonos:* Giuseppe de Luca, Mario Sammarco.

*Baixos:* Oreste Carozzi, Arcangelo Rossi (buffo), Natale Cervi (comprimario) Emanuele Candella (comprimario), Andrea Perelló.

*1.ª Bailarina:* Maria Bordin.

*Maestros:* Arnaldo Conti, Romualdo Moro.

*Choreographo*, Angelo Estella.

*Director de scena*, Eugenio Salarich. *Ponto*, Giuseppi Matei *Scenographo*, Amato. *Vestiarista*, Chiapa. *Aderecista*, Rancati. *Machinista*, Attilio Vago. *Electricista*, Antonio Pinto Bastos Junior.

O reportorio foi o seguinte:

*La Bohème*, de Puccini, em 20 de dezembro de 1899, por Cesira Ferrani, Maria Martelli, Alessandro Bonci, (e depois De Lucia, e depois Garbin, e depois Constantini). Giuseppe de Luca, Oreste Carozzi, Arcangelo Rossi, Natale Cervi, Luigi Fiesoli, Emanuele Candella.

*Orfeo*, de Gluck, em 23 de dezembro (7.ª recita de assignatura extraordinaria), por Armida Parsi, Amalia de Roma, Tina Manfredi, Maria Bordin.

*Werther*, de Massenet, em 26 de dezembro (8.ª recita d'assignatura extraordinaria), por Ferrani, De Roma, Manfredi, Carlo Delmas, De Luca, Rossi, Cervi, Oswaldo de Gennaro, Candella.

*Pagliacci*, de Leoncavalló, em 28 de dezembro (9.ª recita de assignatura extraordinaria), pelos seguintes artistas: Rosita Jacoby (e depois Cavalieri, e depois Roma), Alfonso Garulli, (e depois De-Lucia, e depois Constantini), Mario Sammarco, Luca, Fiesoli, Candella.

*I Puritani*, de Bellini, em 4 de janeiro de 1900, (10.ª recita de assignatura extraordinaria), em que figuraram Regina Pacini, Manfredi, Bonci, Sammarco, Andrea Perelló, Cervi, Fiesoli.

*Andrea Chénier*, de Giordano, em 7 de janeiro de 1900, por Jacoby, Martelli, Manfredi, Longhi, Delmas, Sammarco, Carrozzi, Rossi, Cervi, Daddi, De-Gennaro, Candella.

*Manon Lescaut*, de Puccini, em 9 de janeiro, por Ferrani, Longhi, Colli, De-Luca, Rossi, Cervi, De-Gennaro, Candella.

*Lohengrin*, de Wagner, em 14 de janeiro, por Ferrani, Parsi, Garulli, Sammarco, Carozzi, Candella.

*Il Barbière di Siviglia*, de Rossini, em 16 de janeiro (11.ª recita de assignatura extraordinaria), por Pacini, Longhi, Bonci, De-Luca, Perelló, Rossi, Fiesoli, Candella.

*La Bohème*, de Leoncavallo, em 25 de janeiro, (12.ª recita de assignatura extraordinaria), por Martelli, De-Roma, Longhi, Delmas, De-Luca, Rossi, Carozzi, De-Gennaro, Cervi, Fiesoli, Candella.

*La Favorita*, de Donizetti, em 1 de fevereiro (14.ª recita de assignatura extraordinaria), por Parsi, Longhi, Bonci, Sammarco, Perelló, De-Gennaro.

*Saffo*, de Massenet, em 5 de fevereiro (15.ª recita de assignatura extraordinaria), por Gemma Bellincioni, Martelli, Longhi, Colli, De Luca, Rossi, De-Gennaro, Candella.

*Rigoletto*, de Verdi, em 8 de fevereiro, (16.ª recita de assignatura extraordinaria), por Fernando De-Lucia, (e depois Fiorenzo Constantini, Sammarco, Carozzi, De Gennaro, Cervi, Candella, Lorenzana, Amalia de Roma, Longhi, Isquierdo, Annita.

*Fedora*, de Umberto Giordano, em 13 de fevereiro (17.ª recita de assignatura extraordinaria), por Bellincioni, (e depois Adelina Stehle), Martelli, Isquierdo, De-Lucia, (e depois Edoardo Girbin), De-Luca, Rossi, Carozzi, Perelló, De-Gennaro, Cervi, Fiesoli, Candella, Lorenzana, Moro. O maestro Romualdo Moro tocou um nocturno no piano, no principio do 2.º acto, na scena de baile.

*Falstaff*, de Verdi, em 20 de fevereiro, por Parsi, De-Roma, Martelli, Longhi, Daddi, Sammarco, De-Luca, Carozzi, De-Gennaro, Fiesoli.

*El duo de l'Africana*, em hespanhol, zarzuela de Fernandez Caballero, em 27 de fevereiro, terça-feira de entrudo, desempenhando Gemma Bellincioni o papel de Giuseppini (tenor), por Bellincioni, De-Roma, Martelli, Vidala, Perelló, Rossi, Candella, Conde. Uma das scenas pintada por E. Reis, representava a sala do theatro de S. Carlos. Bellincioni cantou a *Donna é mobile* da opera *Rigoletto*, imitando o tenor De-Lucia.

*Traviata*, de Verdi, em 1 de março de 1900, recita extraordinaria, fóra de assignatura; despedida de Gemma Bellincioni, por Bellincioni, Longhi, De-Lucia, Sammarco, De Gennaro, Cervi, Candella, Lorenzana. A opera foi representada em costumes da actualidade, como na occasião em que pela primeira vez subiu á scena em Veneza, e que, posteriormente, haviam sido mudados para os de um seculo atraz, epocha para a qual tinha sido recuada a acção.

*Manon*, de Massenet, em 13 de março, em 18.ª

recita de assignatura extraordinaria, por Adelina Stehle, Martelli, Longhi, Isquierdo, Edoardo Garbin, De-Luca, Perello, Rossi, Cervi, Fiesoli, Candella, Lorenzana.

*Serrana*, de Keil, em 10 de março, por Ferrani, Colli, Sammarco, Perelló, Carozzi, De Gennaro, Cervi.

Em 24 de janeiro de 1900, em 7.ª recita de assignatura suplementar, representou-se o 2.º acto da opera *I Puritani*, de Bellini, o 3.º acto da opera *Barbière di Siviglia*, de Rossini, fazendo o tenor Daddi o papel de Almaviva, e o 3.º acto da opera *Lucia*, de Donizetti, por Pacini, Colli e Carozzi.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

## METEOROLOGIA

Janeiro de 1902

### Observações diarias

| Dias | Altura da pressão | Temperaturas extremas | Céu | Vento | Chuva |
|---|---|---|---|---|---|
| | mm | ° ° | | | mm |
| 1 | 771,7 | 13,0- 7,0 | Alg. nnvens | NNE | 0,0 |
| 2 | 773,9 | 15,2- 8,5 | P. Nublado | Calma | 0,3 |
| 3 | 772,0 | 16,2-11 | Nublado | NNW | 0,1 |
| 4 | 769,0 | 16,0- 8,9 | » | NNE | 0,2 |
| 5 | 769,7 | 16,1- 9,1 | Alg nuvens | » | 0,0 |
| 6 | 770,5 | 13,6- 7,7 | P. Nublado | » | 0,0 |
| 7 | 773,5 | 14,9- 7,8 | Alg. nuvens | NE | 0,0 |
| 8 | 774,3 | 12,2- 5,4 | Nnblado | NNE | 0,0 |
| 9 | 774,7 | 11,6- 5,4 | P. Nublado | » | 0,0 |
| 10 | 771,4 | 12,7- 4,7 | Nublado | » | 0,0 |
| 11 | 766,6 | 14,4- 9,7 | » | Calma | 0,3 |
| 12 | 764,5 | 15,1-11,2 | » | SW | 16,9 |
| 13 | 765,6 | 14,3-10,7 | » | E | 0,6 |
| 14 | 767,6 | 15,0-10,9 | » | NE | 0,8 |
| 15 | 774,4 | 14,5- 8,0 | Alg. nuvens | NNE | 0,0 |

#### CHRONICA METEOROLOGICA

De 1 até 9 de Janeiro predominou o bom tempo com nevoeiros intensos de 1 a 4, e alguma agua de nevoeiro e orvalho. Uma depressão dos Açores avançava até á nossa costa, em 9, produzindo na Horta, 10mm,0 de agua, e em Ponta Delgada 6mm,0. A chuva no Funchal, em 10, foi de 14mm,0. Já em 10, o vento em Lisboa, era de SW forte, tendo-se registado chuvas importantes em todo o reino, nos dias 10 e 11.—*Em 10*, as maiores chuvas foram: Porto e Guarda, 19mm,0. Lisboa, 16mm,9. Vendas Novas, 16mm,0.—*Em 11:* Guarda, 19mm,0. Serra da Estrella, 11mm,0 e Porto 10mm,0. Em 14 e 15, bom tempo com vento NE, alta na pressão, e temperatura proxima da normal.

## UM BOM RAPAZ

POR

**Biornstierne Biornson**

Ole olhou para elle de soslaio e disse lhe:

—Responde pouco.

—Pois bem, disse Thore, não é culpa minha se Nosso Senhor não me fez lingua mais comprida.

A resposta, infelizmente, tornou a dar a Eyvind immensa vontade de rir.

—Rapaz, disse-lhe o velho Ole, cada vez com ar mais aspero, é de mim que se está rindo?

—Deus me livre de tal! balbuciou Eyvind que já não podia conter-se.

Entretanto elle e o pae pediram muitas desculpas ao rendeiro, como puderam, e pediram lhe que entrasse. Mas elle sentia lá dentro trez annos de embirrações e não era coisa facil acalmal-o.

—Não tentem socegar-me, disse o velho. Cumpro um dever, porque devo velar pela felicidade de minha filha. Não são risinhos de certos meninos que me hão de atarantar. Não se educa assim uma filha para atirar com ella para a primeira casa de trabalhador que se lhe abra. Não se dá valor cada vez maior ao que é nosso para o entregar a quem endoidece as raparigas. Tambem a mãe de Marit perdeu a cabeça e eu deixei que ella casasse com um valdevinos. Bebeu-lhe tudo e embebedou-se até que ella morreu. Trouxe a pequenina para casa. Diabos me levem se a neta ha de seguir o caminho da mãe! Já lhe digo, antes que o pastor publique os banhos de Eyvind Pladsen com Marit, ha de publicar os das feiticeiras de Norbal. Isto diz-lhe o velho Ole Nordistuen do casal de Heide. Quer o menino bonito metter medo a todos os pretendentes que hão de apparecer lá por casa? Pouco ganhará com a imprudencia a não ser dar cabo das solas dos sapatos nos rochedos da serra! Vá rir para o diabo com os seus projectos, que se hão de desfazer em fumo! Eu bem adivinho o que pensa. Diz lá comsigo: O velho Nordistuen está aqui, está de barriga para o ar estirado n'uma cova! Pois não, sr! tenho só sessenta e seis annos, meu rapaz, e hei de vel-o a consumir-se antes que a mim me enterrem. Quanto a tornar a ver essa que enfeitiçou, ainda que se transforme em neve, não tornará a ver-lhe as pégadas. Vou mandal-a para muito longe, muito para fóra da freguezia. Depois póde á vontade rondar em volta do casal como um gaio bonito a lustrar as pennas. E disse. Quanto ao sr., que se chama Thore e é pae d'elle, bom será que recommende prudencia ao seu filho, porque lá em cima ha espingardas contra lobos e raposas.

Dito isto foi-se embora com passos mais rapidos, como se a colera lhe houvesse dado forças. E ia sempre a ralhar e a ameaçar emquanto ia andando. A mãe do Eyvind, que, sem apparecer, tudo tinha ouvido, sahiu da cosinha, lavada em lagrimas. Thore foi sentar-se junto da janella, seguindo com os olhos Ole Nordistuen que trepava pelo monte.

Assustava-se Eyvind com o brio offendido do pae e comsigo dizia que se tambem Thore se oppuzesse áquelle casamento, como Ole Nordistuen, seria duplo obstaculo muito mau de vencer. Parecia que Thore não podia desviar d'aquella janella os olhos e que não cançava de olhar para o inimigo. Entretanto Eyvind pensava:

—Só Deus me poderá roubar a Marit.

Thore por fim soltou um grande suspiro e encontrando fito no seu o olhar do filho, disse:

—Vontade minha seria que não pensasses mais em Marit. Não sonhes conquistal-a nem com rogos nem com ameaças, pois que nem aquelles nem estes seriam dignos de gente de bem como somos. Deixa-me pois governar o caso á minha vontade e espera uma occasião que te sirva.

Eyvind por seu lado ideára um plano novo. Tentaria ser nomeado professor de agricultura do districto. Fosse Marit energica e fiel e d'elle seria um dia.

### XI

#### OS ENCONTROS

Era meio dia, hora da quente sesta. Os trabalhadores do grande casal de Heide, dormiam á sombra, deitados no chão. Seccava o feno nos campos e viam-se os ancinhos enterrados nas medas. Os carros esperavam atravessados nos caminhos e os cavallos desapparelhados pastavam na erva verde á beira das valletas. Reinava um profundo silencio sobre o campo, que breve ia animar-se quando acordassem os ceifeiros. Um só homem então não dormia. Estava de pé na estrada alta, ladeada por fossos profundos, que conduzia aos casaes, d'olhos fitos sobre o planalto. Um pouco abaixo do caminho abria-se um lindo lago azul d'onde se escapava um riacho.

Era Eyvind quem se sentára a beira d'esse rio transparente. Enrugava-se-lhe a testa e já dava signaes de impaciencia, pois ninguem apparecia no planalto do casal de Heide... Mas abriu-se o portão de Nordistuen e elle viu sahir primeiro o cão fiel e depois a rapariga de roupão branco, que correu ligeiramente atravez do campo para chegar ao monte. Vontade teve elle de chamal-a; mas não se atreveu felizmente, pois que a sua voz teria acordado os que dormiam.

Marit seguiu pelo rio; ia adiante o cão, aos pulos e farejando o ar; ella ia-se escondendo conforme podia por detraz das moitas, pois que tinha o maior medo de que a vissem. Eyvind correu para ella; o cão rosnou e apanhou um sopapo no focinho para aprender a viver. Mas logo que Marit reconheceu Eyvind, párou e sentou-se n'uma pedra, porque estava morta de calor.

—Como lhe agradeço ter vindo! disse o rapaz.

—Está um calor que nem se respira! disse ella. E é tão longe! Ha muito que me esperava?

—Pois, se de noite nos vigiam, só de dia nos poderemos ver. Mas julgo que d'ora ávante não devemos empregar tanto misterio nem tomar tantos cuidados.

—Não devemos empregar tanto misterio?

—Bem sei que lhe agrada assim. Mas sei tambem que gosta de mostrar coragem. Marit, tenho tanto que dizer lhe!

—É verdade, Eyvind, que quer ser nomeado professor de agricultura do districto?

—Quero e hei de conseguil-o. Quero obter uma posição, mas quero sobretudo vencer a teimosia de seu avô e obrigal-o a confessar que para alguma coisa sirvo. Felizmente, a maior parte dos rendeiros de Heide são rapazes que desejam melhorar as terras. Só querem uma ajuda, porque dinheiro teem elles. Por isso ha de ver que mudanças lhes farei nos curraes e como lhes hei de levar as aguas aos campos. Tão bem andarei que o velho por onde fôr ha de ouvir-me o nome.

—Isso é que é falar, Eyvind!

*(Continúa).*

## NECROLOGIA

#### AUGUSTO XAVIER DA SILVA PEREIRA

Mal diriamos nós quando no ultimo numero, commemorando o XXV anno d'esta revista, estampavamos o retrato de A. X. da Silva Pereira, a par d'outros escriptores que nos teem honrado com a sua collaboração, que tão breve teriamos de prantear o seu passamento, succedido a 22 do corrente mez.

Embora o nosso querido amigo estivesse ha tempo doente da horrivel enfermidade que o victimou, o desenlace foi ainda uma dolorosa surpreza, que emocionou bem profundamente quantos conheciam o operoso historiador do jornalismo portuguez.

Investigador paciente, verdadeiramente fanatico pela imprensa portugueza, dedicou-lhe muitas horas de trabalho e nos volumes publicados do *Occidente* se encontram varios estudos que escreveu sobre esse assumpto, tão seu predilecto.

Em 1892 publicou Silva Pereira um *Quadro Graphico dos Reis de Portugal*, de que démos opportuna noticia. Em 1896, fez imprimir o volume intitulado o *Diccionario Jornalistico Portuguez*, que ficou inedito, e que é a resenha chronologica de todos os periodicos portuguezes impressos e publicados no reino e no estrangeiro desde o meado do seculo XVII até á morte d'el-rei D. Luiz, bem como dos jornaes em lingua extrangeira publicados em Portugal durante o mesmo tempo.

Quando aquelle volume se publicou já o manuscripto do 1.º tomo do *Diccionario* estava na Academia Real das Sciencias, esperando o parecer, para que a obra pudesse ser publicada por conta do Estado.

Desde 1892 que lá jazia á espera do malfadado parecer, apezar das boas diligencias de Pinheiro Chagas e do auctor apenas pedir que o seu *Diccionario* fosse impresso na Imprensa Nacional, sem mais retribuição ou subsidio, mandando o governo fazer a venda por sua conta e em seu proveito. Pois apezar de tão completo desprendimento, não conseguiu o infeliz e perseverante jornalista ver realisada a aspiração de toda a sua vida. Que lh'a realisem agora como justo preito á sua honrada memoria.

Em seguida ao livro *Jornalismo Portuguez*, e como complemento d'elle, publicou Silva Pereira outro volume com o titulo *Os jornaes portuguezes, sua filiação e metamorphoses.*

Ultimamente fizera ainda uma *separata* da sua conferencia na Associação dos Jornalistas sobre leis repressivas da liberdade de imprensa.

Escriptor prestimoso collaborou Silva Pereira em varios jornaes e revistas, sendo ha annos assiduo correspondente na capital do antigo periodico *O Conimbricense.*

No cortejo funebre que acompanhou á ultima morada o nosso malogrado amigo e collaborador figuravam alguns antigos collegas seus na burocracia e na imprensa, fazendo-se representar a Associação dos Jornalistas e a da Imprensa Portugueza.

No cemiterio Oriental, onde ficou sepultado, proferiram o derradeiro adeus o actual decano do jornalismo sr. Brito Aranha e o sr. Silva Leal, intimo amigo do finado e seu dedicado admirador.

Mais um obreiro infatigavel que vemos desapparecer na voragem do tumulo.

Com funda tristeza cumprimos o dever de registar o fallecimento de A. X. da Silva Pereira, endereçando á sua desolada familia a expressão carinhosa da nossa condolencia.

#### NAPOLEONE VELLANI

No dia 11 do corrente falleceu em Lisboa o professor de canto sr. Napoleone Vellani, sympathico artista que nessa especialidade grangeara entre nós justo renome.

Nascido em Nova York a 23 de julho de 1839, bem cedo compartilhou com sua mãe, a cele-

BELLAS-ARTES — Venus e o amor

bre Marieta Albini, as contingencias da vida artistica.

Tentando estabelecer-se na Hespanha como director de orchestras theatraes e não o tendo conseguido veiu para Portugal, onde se encontrava ha cerca de trinta annos, conquistando muitas sympathias pelos seus meritos e trato agradabilissimo.

Napoleone Vellani possuia uma educação superior e era um musico distincto. Desprovido de recursos foi pouco a pouco adquirindo discipulos e tornando-se conhecido e apreciado.

Entre o grande numero de pessoas que Vellani leccionou contam-se a illustre cantora nossa compatriota sr.ª Regina Pacini, que é sem duvida a sua maior gloria, e outros artistas e amadores que brilhantemente se teem evidenciado. Entre elles podemos mencionar:

Aida Saroglia, Victoria Benimelli, Izabel Gomes, Maria Adelaide Sanguinetti, Ida Blanc, Georgina Mendonça, Angelina Valadim, Alexandrina Castagnoli, Julietta Hirsch, Ermelinda Cordeiro, Regina Negrão, Laura Wake Marques, Alberto Macieira, Julio Camara, Neves, etc., etc.

O funeral do mallogrado professor foi bastante concorrido, vendo-se nelle muitos dos seus discipulos e admiradores.

Que o estimado artista descance em paz!

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Almanachs e calendarios:**

Como de costume n'esta quadra do anno temos recebido varios almanachs e calendarios, que pela sua esmerada factura bem attestam os progressos das artes graphicas em Portugal.

Os almanachs com que muitos estabelecimentos brindam os seus freguezes são cada vez em maior numero e constituem um gracioso reclamo.

— *Calendario para 1902 do Atelier photo chimigraphico de Pir.s Marinho & C.ª* É um pequeno cartão de boas-festaa e uma apreciavel prova dos trabalhos que se executam no florescente atelier de gravura chimica.

— *Almanach illustrado para 1902.* Este antigo almanach, propriedade do conhecido gravador e editor sr. Francisco Pastor, attingiu o seu vigesimo anno de publicação, o que prova o lisongeiro apreço que o publico lhe tem dispensado.

Como sempre vem muito interessante.